

A REIVINDICAÇÃO POR EMANCIPAÇÃO EM TRÊS PERSONAGENS FEMININAS DA OBRA *GABRIELA, CRAVO E CANELA* DE JORGE AMADO

Natália Eugênia Almeida de Sousa¹

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo verificar de que forma a autonomia feminina é abordada na obra *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, especificamente através das personagens Malvina, Glória e Gabriela. Calcado na teoria feminista, busca-se compreender como as três personagens conseguem romper com os padrões e libertar-se dos usos e costumes vigentes na sociedade patriarcalista na qual estavam inseridas.

Palavras-chave: *Gabriela, cravo e canela*; emancipação feminina; patriarcalismo.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo determinar cómo la autonomía femenina se aborda en la obra *Gabriela, cravo y canela* de Jorge Amado, específicamente a través de las personajes Malvina, Gloria y Gabriela. Calcado en la teoría feminista, tratamos de entender cómo los tres personajes pueden romper los patrones y deshacerse de los hábitos y costumbres que prevalecen en la sociedad patriarcal en la que se encuentran.

Palavras-chave: *Gabriela, cravo e canela*; emancipación femenina; patriarcado.

A obra *Gabriela, cravo e canela* de Jorge Amado retrata a vida em uma pequena cidade do interior da Bahia, Ilhéus. Cidade interiorana em pleno processo de mudanças políticas e econômicas. Esta série de mudanças atingirá também o modo de pensar de algumas personagens femininas da trama, como Malvina, que enfrenta toda a autoridade paterna, sofrendo até mesmo castigos físicos para conseguir libertar-se e viver de forma independente.

Jorge Amado conta a história da série de mudanças econômicas, políticas e principalmente dos costumes que acontece na pequena e pacata Ilhéus. Conta também a história de amor incomum entre Gabriela e Nacib. O romance está permeado de personagens femininos que, de uma maneira ou de outra, rompem

¹ Acadêmica de Letras na Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Josefina Demes, Floriano.

com os padrões patriarcais pré-estabelecidos pela cultura machista dominante, principalmente na década de 1920, período de transição entre os antigos costumes do século XIX e os novos pensamentos de modernidade do século XX, onde a prática comum era que as mulheres se sujeitassem a ser “escrava” dos homens, fossem eles pais, maridos ou amancebados.

Dentre todas as mudanças que ocorreram naquela cidade, a principal é a mudança nos costumes desencadeada por atitudes de três personagens femininas que rompem com o padrão. São elas: Malvina, filha única do coronel Melk Tavares, que usará a liberdade do intelecto; Gabriela, personagem marginalizada, que fugindo da seca encontrará emprego como cozinheira do árabe Nacib, e que vivendo com ele uma intensa história de amor, consegue a libertação por meio do livre uso do corpo, e, Glória, personagem que fazia da sua janela um altar de desejo e luxúria para homens despertando o ideal da libertação física e moral da mulher.

Todas as três personagens destacadas conseguem, de uma forma ou de outra, autonomia; conseguem tomar posse de si, do seu corpo, da sua mente e de sua alma, servindo até mesmo como inspiração e exemplo de coragem e ousadia, motivo pelo qual as três personagens citadas foram escolhidas em detrimento das outras por considerar que estas se mantiveram supervenientes à sociedade, a seus homens, sem tomar atitudes libertadoras e emancipatórias.

Malvina: a liberdade do intelecto

Malvina, filha da alta sociedade de Ilhéus, criada para casar, conforme os costumes vigentes em nosso país, desde a época da colônia - como observa Del Pryore (2005) em seu livro *História do amor no Brasil* - diferencia-se de suas amigas do colégio de freiras pelo seu gosto e hábito de leitura: enquanto suas amigas, também frequentadoras da Papelaria Modelo, dedicam-se a leitura da Biblioteca das Moças, Malvina lê Eça de Queiroz e Aluísio Azevedo, consideradas leituras impróprias às mulheres, principalmente às moças casadoiras:

Malvina corria com os olhos as prateleiras de livros, folheava romances de Eça, de Aluísio Azevedo. Iracema aproximava-se, risinhos maliciosos:

- Lá em casa tem *O crime do padre Amaro*. Peguei pra ler, meu irmão tomou, disse que não era leitura pra moça... – O irmão era acadêmico do curso de medicina na Bahia.
- E por que ele pode ler e você não? – Cintilaram os olhos de Malvina, aquela estranha luz rebelde. – Tem *O crime do padre Amaro*, seu João? [...] Iracema impressionava-se com a coragem da amiga: - Você vai comprar? O que é que vão dizer?
- E que me importa?
[...] – Essas moças de hoje... – comentou um dos presentes. – Até livro imoral elas compram. É por isso que há casos como o de Jesuíno. (AMADO, 2012, página 158)

Evidencia-se, no trecho acima, o tipo de pensamento patriarcalista de nossa cultura notadamente mais forte no nordeste ainda no tempo das grandes oligarquias, onde às mulheres era negada a instrução e era preferível a educação para a vida doméstica, bem como o extremo cuidado com a vida sexual das moças, que deviam ser mantidas virgens até o casamento. Era, pois, perigoso que as mulheres se sentissem tentadas a imitar as aventuras dos romances e se entregassem aos prazeres da carne, coisa que não era permitida à mulher branca, que deveria se contentar com o papel de mãe e esposa obediente.

O segundo ponto a ser destacado versa sobre a ambição e espírito rebelde de Malvina que, mesmo sabendo das proibições a tais leituras ditas impróprias, antes questionava o porquê de sua proibição, não se achando diferente dos rapazes que tudo podiam fazer e ler. Ela não via sentido nas justificativas que lhe eram dadas, assim como se negava a aceitá-las, uma vez que para ela não havia diferenças entre ser homem e ser mulher ou entre um poder fazer certas coisas como ler determinados livros que para outros eram considerados impróprios. Em outras palavras, para Malvina o livro é fonte de conhecimento, signo de liberdade interior e, portanto, não deve ser negado a ninguém.

Ainda sobre a pequenez do horizonte futuro a ela imposto pela sociedade e pelo pai, mesmo este tendo concedido que ela estudasse em colégio de freiras, nega seu apoio quando a filha manifesta desejo de prosseguir a carreira acadêmica, evidenciando em sua fala o pensamento vigente na época sobre as moças que se queriam e tornavam independentes: “- Não quero filha minha doutora. Vai pro colégio de freiras, aprender a costurar, contar e ler, gastar seu piano. Não precisa de mais. Mulher que se mete a doutora é mulher descarada, que quer se perder.” (AMADO, 2012. Página 196). Sobre isso nos fala Nélide Piñon:

De modo algum podia ela alimentar pretensões literárias, incorrer em assuntos distantes do seu alcance. Não deviam a esperança, provinda da prática de ofício, e a perenidade, associada a imortalidade do texto, brotar um eventual talento literário (2008, p. 136.)

Era evidente que tudo conspirava contra os anseios da jovem Malvina, que sonhava com um futuro bem diferente daquele vivido por sua mãe e demais mulheres da sociedade ilheense. Nela e com ela observamos a atitude da revolta descrito pela autora supracitada: “Já na fase adulta, ao lhe enfeitar o marido o pescoço com uma gargantilha de ouro, que mais parecia uma corrente de ferro, a mulher, educada a ceder o que lhe solicitavam, agradecia, enquanto ia acumulando uma rebeldia incipiente.” (PIÑON, 2008, p. 135). Juntamente com a instrução e o anseio de viver, a memória rebelde daquelas mulheres a que alude Nélide Piñon, faz crescer em Malvina o desejo de dias diferentes, da possibilidade do trabalho e de casar com quem desejasse, por amor, e não por imposição do pai, como se ela fosse uma mercadoria em parte de um negócio que ele celebrara com algum amigo.

Em seu desejo de mudança, Malvina era puro mistério, não sendo entendida ou mesmo compreendida pela sociedade, sendo antes recriminada e ao mesmo tempo admirada por sua coragem, pois foram poucos que se atreveram a prestar suas ultimas homenagens a Sinhazinha, morta por adultério, nem mesmo suas amigas beatas.

Ante os olhos espantados da rua comprimida nas portas e janelas, Malvina entrou trazendo um ramo de flores colhidas em seu jardim. Que vinha fazer ali, no funeral de uma esposa morta por adultério, essa moça, solteira, estudante, filha de fazendeiro? Nem que fossem amigas íntimas. Reprovavam com os olhos, cochichavam pelos cantos. Malvina sorriu pra o Doutor, depositou suas flores aos pés do caixão, moveu os lábios em uma prece, saiu de cabeça erguida como entrara, Nacib estava de queixo caído.

- Essa filha de Melk Tavares tem topete

(AMADO, 2012. Pag. 121)

Na concepção da época, em qualquer que fosse parte do nosso país, uma moça solteira jamais poderia sequer se aproximar de uma mulher adúltera, quanto mais lhe prestar homenagens no velório. Mas para Malvina isso não existe, ela está além dos papéis, além das circunstancias, muito à frente das suas

conterrâneas e contemporâneas, quer estudar, trabalhar, se libertar e busca esta libertação através dos livros, através dos quais pode ver outras realidades de mulheres que longe dali tinham a vida que ela aspirava, inspirava-se na história daquelas mulheres distantes para galgar a sua libertação.

Malvina procura tão avidamente a liberdade, que enxerga esta possibilidade também nos braços de um amor, nos braços de um homem, preferencialmente que fosse de fora daquela cidade, com outros pensares e padrões de comportamento; assim, se apaixona pelo engenheiro das docas, que era casado, e não deixa de viver seu amor. Ela acredita que através dele poderá ir embora dali e começar a viver plenamente a liberdade que tanto almeja. Quando surpreendida pelo pai mostra sua vontade, seu “topete”, sua liberdade, pois não o teme, ao contrário do que se poderia imaginar, enfrenta-o, dando mais uma vez motivos para ser admirada:

[...] Aqui ninguém pode me compreender. Já lhe disse, meu pai, mais de uma vez: eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente, não vou me enterrar na cozinha de nenhum fazendeiro, ser criada de nenhum doutor de Ilhéus. Quero viver a meu modo. Quando sair, no fim do ano, do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório.

- Tu não tem querer. Tu há de fazer o que eu ordenar.

- Eu só vou fazer o que eu desejar. [...] sou sua filha, não sou sua escrava.

(AMADO, 2012, p. 193)

Após sua história de amor proibido ser descoberta por seu pai, Malvina o enfrenta, assumindo o romance e manifesta sua coragem, pois não apenas diz que continuará o romance, como também pretende alçar voos maiores que os de sua mãe e da grande maioria das mulheres de Ilhéus; ela pretende estudar e fazer apenas o que desejar para sua vida, negando-se a acatar as ordens do pai e da sociedade que espera que ela seja passiva diante das suas imposições.

Ao enfrentar a figura do pai, Malvina enfrenta toda a história, todos os costumes, todas as tradições que tentaram inutilmente prender-lhe a mente, negando os estudos, acorrentar a alma através da moral de dos bons costumes e o corpo através do matrimônio. E ao rebelar-se, tem este corpo, tão “protegido” do diabo, dos pecados da carne, de arder no fogo do inferno, duramente castigado. Mas o intelecto e alma lhe permanecem inteiros, embora tentem e muito, não conseguiram arrancar-lhes. Ela se apropria deles e tomando posse desse corpo

machucado e sofrido vai à luta sozinha, pois percebe que não poderá a mulher se emancipar através da figura masculina, uma vez que dada as circunstâncias ele seria naturalmente seu inimigo, pois mesmo que não casassem ela estaria subordinada a ele por outro elo de natureza amorosa. Pensar em usar um homem como instrumento de liberdade significa que ela própria ainda não confia plenamente em si, pois ainda está sendo influenciada pelo pensamento e pelos costumes que tanto luta contra.

Dava-se conta Malvina do erro cometido: para sair dali só vira um caminho, apoiada no braço de um homem, marido ou amante. Por quê? Não era ainda Ilhéus agindo sobre ela, levando-a a não confiar em si própria? Por que partir pela mão de alguém, presa a um compromisso, a dívida tão grande? Por que não partir com seu pé, sozinha, um mundo a conquistar? Assim sairia. (AMADO, 2012. Pág. 199)

Para Malvina o casamento não vinha em primeiro lugar, e deste modo também não poderia prender-se a quem quer que fosse por qualquer laço que comprometesse sua liberdade, que cerceasse seus passos e seus ideais. Ela faz um plano e o executa; mandada para um colégio interno de lá foge para ganhar o mundo, embora todos em Ilhéus, até mesmo João Fulgêncio, o único a compreender-lhe e a até mesmo incentivar com as indicações de leituras, acredita que Malvina fugira para viver com Rômulo Vieira. Enganaram-se todos, pois tempos depois se fica sabendo que ela morava sozinha em São Paulo, estudando a noite e trabalhando durante o dia.

Malvina conseguiu aquilo que pode ter sido o sonho de muitas moças naquele começo de século XX: ser independente, autossuficiente, deter autonomia sobre si mesma, mesmo que para isto tenha vivido alguns percalços e provavelmente ainda os continuou a enfrentar durante toda vida, pois mulher que não tinha marido ou era taxada de solteirona ou de “fácil”, de prostituta, pois despertava medo já que não podia ser controlada.

Glória: a prostituição como forma de libertação física e moral da mulher

A personagem Glória, em *Gabriela, Cravo e Canela*, é tratada como “rapariga”, sendo dado a ela um sentido diverso do que encontramos no uso habitual. Como “rapariga” designa-se as prostitutas que exercem a profissão do corpo em bordéis e na rua; por outro lado, rapariga também pode ser uma mulher que negocia seu corpo para apenas um homem, geralmente casado. Este é o caso de Glória, pois ela relaciona-se com o coronel Ribeirinho em troca de alguns confortos que este pode lhe oferecer como casa “posta” e contas em lojas e armazéns.

Mesmo tendo esposa e filhos, a prática de manter um relacionamento amoroso estável com outra mulher, a quem sustentava e esta lhe concedia o prazer sexual que as esposas não podiam lhes oferecer, era usual não somente no nordeste brasileiro, como também no restante do país, tendo suas origens no Brasil Colônia. O costume se estende até mesmo aos dias atuais.

As mulheres jovens, sem *status* ou sem bens e que não haviam conseguido casamento numa terra de mercado matrimonial estreito, encontravam num homem mais velho, mesmo sendo casado, o amparo financeiro e social de que precisavam. [...] Ser amásia ou cunhã de um homem importante implicava formas de sobressair-se junto à população e galgar *status* econômico, que ela não possuiria de outra forma. (FALCI, 2006, p. 269)

Estas mulheres, às vezes por falta de oportunidades, sejam sociais ou econômicas, ou mesmo por opção, por ver neste tipo de relação uma maneira de sobressair-se na sociedade, optavam muitas vezes por se prostituírem, por ser “cunhãs”. Este é o caso de Glória, que assim como muitas anteriores a ela e tantas outras do seu tempo, via neste tipo de relação descrita acima uma saída, na qual se podia gozar dos prazeres da vida, possuir algum bem de valor, ter uma vida relativamente estável e sem muitos sofrimentos.

O amor era também um negócio. Mesmo tendo ela encontrado o amor nos braços do jovem professor Josué, não pretendia deixar a situação de “rapariga” do coronel Coriolano: “Ela queria das duas coisas: o amor e o conforto, Josué e Coriolano. Sabia também da inconstância dos homens. Queria tê-lo mas escondido, que o coronel Coriolano não viesse a desconfiar.” (AMADO, 2012, p. 201-202).

Mesmo diante da possibilidade de deixar de ser rapariga e passar a ser mulher casada, ela não tem dúvidas, prefere continuar sendo amásia do Coronel e manter um relacionamento paralelo com Josué. Para ela o conforto e a sua liberdade, mesmo que parciais, eram mais importantes que a situação de senhora casada e dona de casa, pois sabia que a partir do dia que casasse a liberdade que tem será tolhida totalmente e não poderá aparecer na janela em busca dos olhares dos homens e tampouco sentir prazer sexual que ela, por ser prostituta, podia proporcionar e sentir.

Foi dada a oportunidade à Glória, por ocasião de seu envolvimento com Josué, de passar a ser senhora, dona casada, mulher de família, da sociedade, mas preferiu continuar na condição em que estava pela conveniência do conforto material que o velho coronel podia lhe oferecer, conforto este observado por Capitão: “Bastava olhar ali mesmo na praça: aquele luxo de Glória vestindo melhor do que qualquer senhora – será que o coronel Coriolano gastava tanto com a esposa?” (AMADO, 2012, p. 93). Era visível que ela tinha muito conforto e tudo quanto quisesse, em detrimento da esposa do coronel que poderia até mesmo passar necessidades. Muitas vezes, como assinala Del Priore (2005) em *História do amor no Brasil*, as amasiadas, as mancebas, as raparigas eram melhor tratadas do que as esposas, sendo perfeitamente compreensível a atitude de Glória de não querer passar a ter o título de senhora em detrimento da boa vida de amasiada.

As suas aparições constantes à janela de “uma das melhores casas de Ilhéus e muitíssimo bem situada” causava revolta nos mais puritanos e moralistas, mas servia também como uma forma de “educação” sexual para a cidade, como bem observa João Fulgêncio em sua conversa como o juiz:

[...] Admiravam Glória na janela, o juiz considerava aquilo um verdadeiro escândalo. João Fulgêncio ria, discordava: - Glória, seu doutor, é uma necessidade social, devia ser considerada de utilidade pública pela intendência como o Grêmio Rui Barbosa, a Euterpe 13 de Maio, a Santa Casa de Misericórdia. Glória exerce uma importante função na sociedade. Com a simples ação de sua presença na janela, com o passar de quando em quando pela rua, ela eleva a um nível superior um dos aspectos mais sérios da vida da cidade: sua vida sexual. Educa os jovens no gosto à beleza e dá dignidade aos sonhos dos maridos de mulheres feias,

infelizmente maioria em nossa cidade, às suas obrigações matrimoniais que, de outra maneira, seriam insuportável. (AMADO, 2012. Pág. 124)

A fala de João Fulgêncio dá a dimensão da importância do papel que era conferido às prostitutas no sistema patriarcal vigente, pois a esposa não podia se manchar. Elas não podiam sentir e muito menos proporcionar prazer para seus maridos. A única função do sexo na vida delas era o reprodutivo. Os homens mantinham relações sexuais com suas esposas tão somente para a perpetuação da espécie, para a continuação da família, tudo dentro do que mandava a igreja. As enxergavam apenas como mãe e não como mulher que poderia e necessitava também de satisfazer seus desejos reprimidos.

Era com mulheres como Glória que muitos homens buscavam se satisfizer sexualmente, nelas e com elas tinham toda a liberdade e o prazer negado às esposas. Com as prostitutas é que deviam acalmar seus instintos animais, uma vez que o sexo fora das normas impostas pela igreja e pelos conceitos vigentes era considerado como pecado gravíssimo.

Sobre o ato de prostituir-se, Magali Engel assinala:

[...] Outro aspecto a ser considerado refere-se ao fato de que o *prostituir-se* pode representar uma escolha, na medida em que, em termos econômicos, sexuais e emocionais, o exercício da prostituição poderia viabilizar pra a mulher a vivência de uma condição mais independente. [...] A prostituição deve ser vista, portanto, como um espaço efetivo de resistência ao ideal da mulher frágil e submissa. Entretanto, por outro lado, a prostituição revela-se também como produto dos valores morais que presidem a sociedade brasileira do século passado, o que a situa ao mesmo tempo e contraditoriamente como um espaço de reação e manutenção destes mesmos valores.” (2004 pág. 26-27)

Se o fato de prostituir é uma faca de dois gumes, ao mesmo tempo reação e manutenção ao patriarcalismo, Glória consegue, dentro da ambiguidade de seu posto, fazer ecoar um sentimento de liberdade, pois mesmo tendo a oportunidade de ser uma “senhora” não o quer. E na sua condição de amancebada, de prostituta liberta-se da moral, liberta-se dos costumes, provém o próprio sustento ao negociar com o corpo. Sustenta não somente a si, mas também a Josué, primeiro às escondidas enquanto mantinha relacionamento também como o coronel

Coriolano e depois liberta-se totalmente dos costumes, quando depois que Coriolano descobre a traição ela passa a ser “rapariga” do coronel Ribeirinho, já no final do romance, mantendo publicamente uma relação a três: “Esses dois sempre juntos [Josué e Ribeirinho], desde que o fazendeiro montara casa para Glória, perto da estação. Por vezes até comiam os três no restaurante, davam-se bem.” (AMADO, 2012 pág. 317). Glória conseguiu liberta-se moralmente porque podia se relacionar com os dois homens, um que lhe dava o amor que alimentava sua alma e o outro que proporcionava o conforto de que necessitava para viver uma vida abastada. Qualquer outra mulher que fosse, não poderia manter um triângulo amoroso público, pois seria facilmente banida da sociedade, mas ela podia tudo isso sem prejuízos para sua imagem. Ao mesmo tempo em que mantinha o patriarcalismo lutava contra ele ao ter coragem de impor-se e manter um tipo, no mínimo, estranho, de relacionamento.

Gabriela: a liberdade dos sentidos

Personagem título do romance de Jorge Amado, Gabriela é uma retirante do sertão, que chega a Ilhéus em busca de melhores condições de vida. Logo é contratada pelo árabe Nacib para trabalhar como cozinheira. No primeiro momento, devido à sujeira que cobre o corpo e os cabelos, ele não consegue distinguir a inigualável beleza da sua nova cozinheira, e surpreendido Nacib começa a frequentar também a cama de Gabriela. Apaixonado, encantado pelos dotes culinários e sexuais da retirante e temendo que ela o abandonasse, resolve casar-se com ela. Mas logo descobre que “há flores que não nascem para jarros”, pois Gabriela parecer perder o encanto e a alegria de viver e por fim se entrega a Tonico Bastos.

No que tange à personagem Gabriela, podemos observar uma forte inclinação para a metáfora da mulher-flor e mulher-fruto apontada por Afonso Romano de Sant’Anna (1993), em seu livro *O canibalismo amoroso*. Gabriela é ao mesmo tempo para ver e para “comer”. Principalmente para este segundo fim, como bem nos demonstra Nacib e a fala dela própria: “[...] seu Nacib tem mais o que fazer. Não vai querer casar com uma qualquer feito eu, que ele já conheceu perdida...

Quero pensar nisso não, dona Arminda. Nem que ele fosse maluco.” (AMADO, 2012, p. 164). Gabriela se autodiscriminava como não sendo digna de casar, pois era “perdida”, já tinha perdido a virgindade símbolo da inocência e uma das exigências para uma mulher casar-se na sociedade daquele começo de século XX. Como já tinha perdido a virgindade não via necessidade de casar-se, pois ela já conhecia os meandros da vida sexual, contentando-se apenas com uma cozinha e homens bonitos para deitar-se, preferencialmente com Nacib, homem a quem amava.

Gabriela, com toda a sua despreensão emancipa-se através dos sentidos, da vontade de livre uso do corpo como fonte de prazer.

Seu Nacib era bom, pensava ela, tinha ciúmes. [...] Tinha ciúmes, que engraçado... Ela não tinha, se ele sentisse vontade podia ir com outra. No princípio fora assim, ela sabia. Deitava-se com ela e com as demais. Seu Nacib tinha ciúmes, era engraçado. Que pedaço tirava se Josué lhe tocava na mão? Se seu Tônico, beleza de moço!, tão sério na vista de seu Nacib, nas suas costas tentava beijar-lhe o cangote? Se seu Epaminondas pedia um encontro, se seu Ari lhe dava bombons, pegava em seu queixo?”(pagina 183) “Que importância tão grande, por que tanto sofrer, se ela se deitava com um moço? Não tirava pedaço, não ficava diferente, gostava dele da mesma maneira, e não podia ser mais” (Amado, 2012, p. 284)

Como podemos observar Gabriela não conhecia ou não entendia os valores monogâmicos do casamento em que se via às voltas. Apesar de amar Nacib e de querer viver com ele, não acreditava que este valor era importante, pois ela conseguia diferir o amor do sexo, conseguia praticar o último sem necessariamente comprometer o primeiro. Seu espírito era livre e assim também era seu corpo e seus sentidos, fazia o que gostava sem sentir ressentimentos ou preconceitos. Uma das coisas que mais gostava era de dormir com “moço bonito” e não via maldade nenhuma nisso.

O princípio da fidelidade que Gabriela não compreendia é fruto do pensamento patriarcal impregnado na cultura ocidental através do tempo: “A relação erótica ente o homem e a mulher, no sistema social falocrático, transforma a relação sexual numa prática sacrificial e num exercício de poder, de que não escapam nem os poetas contemporâneos” (SANT’ANNA, 1993, p. 31). Para a mulher, a relação

sexual sempre será representada como um ritual em que ela deve ser sacrificada para sanar a ira de um deus, no caso, o homem. Nesta concepção patriarcal, a mulher não pode inverter os papéis, passando de oferenda para deusa, de produto consumido para consumidora ativa na relação sexual, pois ser deusa significa ter posse sobre a oferenda, e ela deve sempre ocupar o local de submissa. Como exemplo, observemos a incompreensão de Capitão:

– Como você explica, João Fulgêncio, o caráter de Gabriela? Pelo que você conta, ela gosta mesmo de Nacib. Gostava e continua a gostar. Você diz que a separação para ela é mais dura do que para ele. Que o fato de botar-lhe os chifres não significa nada. Como assim? Se gostava dele, por que o enganava? Que explicação você me dá? [...]

- A fidelidade é a maior prova do amor – dizia Nhô-Galo. (AMADO, 2012, pág. 282-285).

Gabriela amava Nacib, mas este fato não a impedia de se entregar a outro, pois, como já citado, o valor da fidelidade exigida no matrimônio era inexistente para ela. E o fato de mesmo amando um homem ter capacidade para se entregar a outros é o que intriga o Capitão bem como os outros personagens do romance, visto que o homem pode amar sem necessariamente ser fiel, mas à mulher não é permitido este direito, pois possuir sexualmente o outro significa ter posse sobre ele. Como observa Del Priore (2005), a imagem da mulher dominadora era abominada pelos homens desde os tempos do Brasil Colônia e, se bem observamos, este tipo de pensamento não se restringe aos primórdios da nossa história, ele se estende até os dias atuais. Os homens sentem medo da mulher que tem autonomia sobre si, pois, no seu entender, ela pode vir a concorrer com eles, por isso procuram limitar-lhe de todas as maneiras possíveis.

Gabriela conseguia como poucos deixar-se sentir prazer por prazer, por “gostar de deitar”, mas ao mesmo tempo era criteriosa, não se prostituía, não dava prazer por dinheiro.

Por que casara com ela? Precisava não... Bem melhor era antes. [...] Besteira de seu Nacib. Por quê ir embora e estava contente a não mais poder? Com medo dela trocar a cozinha, a cama e seus braços por casa posta, em rua deserta, por um fazendeiro. Conta na loja e no armazém.

Cada velho horroroso, calçado de botas, revólver na cinta, dinheiro no bolso. [...] (AMADO, 2012. Pág. 258-259)

Diferentemente de Glória, ela não almejava o conforto que poderia obter se aceitasse a proposta dos coronéis que a espreitavam. Se “deitava” com alguém era somente porque sentia vontade, não exigindo nada em troca; isto bem se vê na sua negativa aos coronéis e a vontade de continuar com Nacib, expressa na citação acima.

Além de não se prender as regras vigentes, Gabriela se deixava envolver pelos sentidos, pelo prazer de dançar, pelas coisas simples da vida:

Era ruim ser casada, gostava não... [...] Do que gostava nada podia fazer... Roda na praça com Rosinha e Tuísca, não podia fazer. Ir ao bar, levando a marmita, não podia fazer. Rir pra seu Tonico, pra Josué, pra seu Ari, seu Epaminondas? Não podia fazer. Andar descalça no passeio da casa, não podia fazer. Correr pela praia, todos os ventos em seus cabelos, descabelada, os pés dentro d'água? Não podia fazer. Rir quando tinha vontade, fosse onde fosse, na frente dos outros, não podia fazer. Dizer o que lhe vinha na boca, não podia fazer. Tudo quanto gostava, nada disso podia fazer. Era a sra. Saad. Podia não. Era ruim ser casada. (AMADO, 2012, p. 259)

Gabriela é o símbolo da simplicidade, pois não ambiciona nada além de fazer as coisas que gosta chegando a ser quase tão inocente quanto uma criança, contentando-se com pequenas coisas da vida cotidiana. Por gostar de dançar e ser cortejada pelos homens, será também símbolo da mulata faceira e sedutora de que fala Affonso Romano de Sant'Anna, em *O canibalismo Amoroso*. Ela representa a boa mulata que usa de seus dotes físicos para conquistar o senhor visto que é cozinheira de Nacib e vem a relacionar-se amorosa e sexualmente com ele.

Gabriela era feliz com muito pouco, sem ambições, nada pretendia da vida além da sua simplicidade e de um fogão para cozinhar. O ato de cozinhar está intimamente ligado com o prazer da cama, como observa Sant'Anna.

Amar e comer são sinônimos. Aí a malícia cheia de charme explorando a ambigüidade daqueles termos. E, de maneira mais complexa, esse tema

estaria sobretudo na ficção do baiano Jorge Amado, quando, especialmente em *Gabriela cravo e canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*, o cozinhar e o amar são duas atividades complementares, uma vez que Dona Flor e Gabriela são imbatíveis, tanto na cozinha quanto na cama. (1993, p. 33)

Gabriela tem, além do seu jeito faceiro, uma exímia competência na cama que podemos observar quando Nacib menciona a relação sexual com ela definindo como um “nascer e morrer”, e sua comida é apreciada por todos, tanto que é arduamente disputada não só como amante, mas também como cozinheira.

A alusão à competência de Gabriela como ótima cozinheira e detentora dos segredos do amor também faz presente no título “Gabriela, cravo e canela”, o que nos remete tanto à imagem da sua pele morena e como ao cheiro de cravo, geralmente utilizado nos preparos culinários. A pele morena remete naturalmente às mulheres negras que no período da escravidão serviam tanto à senhora, nos cuidados domésticos, quanto ao senhor quando este lhe solicitava préstimos sexuais. É neste ponto que ocorre a junção das duas funções da mulata/negra.

Seja por predestinação do título ou por ingenuidade, Gabriela consegue sobressair-se. Consegue libertar-se e continuar com sua vida simples mas repleta de amores, quando depois da anulação do casamento consegue voltar a ser cozinheira de Nacib e também sua amante. Ela segue o seu caminho desafiando os padrões e impondo-se de maneira sutil mas ao mesmo tempo firme e decisiva, despertando os outros para a possibilidade da liberdade da mulher, não apenas a sexual, mas a sentimental.

Considerações Finais

Como vimos, numa cidade em pleno processo de transformação, de mudança do velho para o novo, sobressaíram-se essas três mulheres, Malvina, Gabriela e Glória. As três conseguiram, de diferentes maneiras, se impor perante a sociedade, rompendo os padrões, deixando uns revoltados e conquistando o amor e a admiração de outros.

A seu modo, elas conseguiram o que poucas mulheres conseguem durante toda uma vida de luta e percalços: serem donas de si mesmas, donas de seu destino e de sua felicidade, sem se deixarem abater pelos castigos físicos e colégio interno, como Malvina, pela crítica da sociedade, como Glória e pela incompreensão de todos como Gabriela.

Elas nos mostram ser possível se apossar do que é seu por obra da natureza, do seu corpo, de sua mente, de sua alma, mesmo num espaço dominado por homens e com regras bem definidas e impostas por eles que mais que do que não querer que elas tenham consciência e autonomia sobre si, têm medo. Pois isso significaria a sua não-dependência. Significaria deixar de serem donos para concorrerem igualmente em todos os campos da vida.

Ao tomar posse de si e demonstrar sua autonomia, essas mulheres desencadearam mudanças na cultura da sociedade, fato bem observado na condenação do coronel Jesuíno Mendonça, que matou sua esposa adúltera. Sua condenação até então era inconcebível, pois era lei: honra de marido se lavava com sangue.

Sendo responsáveis pela sua tomada de atitude, de autonomia sobre si, essas personagens abrem a possibilidade de um mundo mais igualitário entre homens e mulheres. E passam a representar a possibilidade de mudança, através de suas atitudes que poderá servir como encorajamento para que tantas outras mulheres consigam deter a autonomia sobre si, emancipando-se de todas as formas de domínio que a sociedade masculina impõe sobre elas.

Das personagens citadas ecoa um grito de liberdade ou morte que deve ser ouvido, refletido e acatado. Não somente pelas mulheres, mas pelos homens também que devem se enxergar sempre como companheiros de luta e jamais como adversários, uma vez que um ser complementa o outro.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DEL PRIORE, Mary. *História do Amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres no sertão nordestino. In DEL PRIORE, Mary (org.): *História das mulheres no Brasil*. 8. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

PIÑON, Nélida. *Aprendiz de Homero*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.